



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11774 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

**PESQUISA-ARTE-FORMAÇÃO: ASSUNÇÃO DE PROFESSORAS-ARTISTAS**

Michelle Dantas Ferreira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Vitória da Silva Bemvenuto - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### **PESQUISA-ARTE-FORMAÇÃO: ASSUNÇÃO DE PROFESSORAS-ARTISTAS**

Professoras-pesquisadoras que não tenham experimentado uma formação institucionalizada em arte, podem descobrir-se artistas? O que pode ser “ser artista”? Pode a pesquisa acadêmica e a formação docente serem disparadoras para esta descoberta de si? Estas questões nos mobilizam desde 2014, quando começamos a investigar com nosso Grupo de Pesquisa, as relações possíveis entre formação e arte por meio de uma Educação Estética (DUARTE JR., 2000). No entanto, foi no processo de finalização de nossas dissertações de mestrado, desenvolvidas em uma Universidade Pública Brasileira, que elas ganharam mais força. Nesse fluxo, enxergamos que nós, professoras – graduadas uma em Pedagogia e a outra em Educação Física – sem habilitação formal no campo das artes, havíamos experimentado criar artisticamente colagens digitais, desenhos, audiovisual, poemas etc.

Isto nos levou a investigar possibilidades à assunção de professoras-artistas que, ao experimentarem uma formação docente que aguce suas sensibilidades (DUARTE JR., 2000; PERISSÉ, 2009), se percebam e se afirmem propositoras e criadoras de composições artísticas. Ampliamos espaço, portanto, para visibilizar a necessidade de que nós, professores/as em constante devir, vivamos a experiência de assumirmo-nos: “[...] como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...]” (FREIRE, 2021, p. 42) e artistas.

Diante disso, conversamos aqui sobre a relação entre pesquisa, arte e docência, abordando as experimentações artísticas que vivenciamos no percurso da Escrivência (EVARISTO, 2020) das dissertações, como disparadores reflexivos. Elegemos a metodologia da Conversa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) para experimentar, no contexto

científico de investigações em educação e arte, relações mais horizontais para refletir acerca de questões gestadas na docência e na pesquisa.

Assim, alumiamos a ideia de um “Encontro estético” que acontece entre os sujeitos e a arte, entendendo que “[...] o artista é aquele que vê nas coisas um caminho de criação” (PERISSÉ, 2009, p. 30) e refletindo sobre “vir a ser artista” quando criamos pensamento, pesquisa e estratégias pedagógicas sob uma perspectiva estética, em um modo de experienciar a educação forjado pelo aguçamento dos sentidos que, junto as artes, nos encaminha a “[...] compreender um pouco melhor o que nos rodeia, captar a respiração da realidade para não morrermos de asfixia [...]” (PERISSÉ, 2009, p. 28), enfatizando nosso potencial de existir de maneira integrada (DUARTE JR., 2000) para, em relação com os acontecimentos que nos atravessam via experiência (LARROSA, 2014), captarmos seus significados.

Foi no contexto da pandemia da COVID-19 (2020 e 2021), que encontramos na criação artística, possibilidades e caminhos para pesquisas acadêmicas estéticas. Ambas foram realizadas em um Centro Integrado de Educação Pública, em Acari, Zona Norte do Rio de Janeiro – região com um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano da América Latina. Uma instituição que atende crianças da Educação Infantil (Pré-escola) ao 5º ano do Ensino Fundamental I e conta com cerca de cinquenta profissionais. O Coronavírus não nos atravessou apenas com afastamentos físicos e mortes, mas acentuou as vulnerabilidades que perpassavam as/os educadoras/es, crianças e suas famílias em seus contextos conflagrados. Como viabilizar uma pesquisa sobre formação docente continuada diante disso tudo? Como criar remotamente com os/as educadores/as um percurso formativo que despertasse e mobilizasse uma educação estética? Como escutar no caótico, no opaco, na dureza dos dias o chamado para que “outra” coisa, portanto, pudesse aparecer (PERISSÉ, 2009)?

Desejávamos propor espaços à experimentação de vivências formativas, tendo como premissa a indissociabilidade entre corpo, arte e educação. Uma de nós trilhou este caminho a partir da instauração de “vivências formacionais”, um conjunto de propostas que visava oportunizar encontros das/os educadoras/es consigo, suas emoções e potência criadora, por meio das linguagens artísticas. A outra abordou essas experiências por meio do vínculo entre o Yoga (sistema filosófico indiano) e a Educação Estética, motivada em investigar como esses campos, quando aproximados, podem ser potencializadores da prática docente. Ambas as vivências eram compostas por propostas de criar com as múltiplas linguagens das artes, momentos de atenção ao corpo, aos pensamentos e ao cotidiano. Desta forma, buscaram estimular as/os participantes a experimentarem uma abordagem formativa que não se dava pela sucessão de acontecimentos desconexos de sua realidade cotidiana. Ambas as pesquisas se deram remotamente: uma com dois encontros assíncronos semanais enviados em convites disparados pelo WhatsApp, e a outra, com encontros síncronos semanais de uma 1 hora e meia.

Refletindo junto às/aos teóricas/os que nos acompanhavam e com nosso Grupo de Pesquisa, percebemos que apenas a linguagem escrita não daria conta de comunicar os pontos

centrais de nossas discussões. Notamos que os retornos das/os participantes sobre o vivido e os aspectos que nasciam das experiências formativas, nos solicitavam disponibilidade para a linguagem do desenho, da performance, da fotografia, do audiovisual, da colagem digital e da escrita poética como tessitura dissertativa; evidenciando os diversos modos que o narrar e o viver nos convocavam. Como, por exemplo, a colagem digital abaixo intitulada “O florescer é coletivo”, elaborada pelo dinamismo criador (PERISSÉ, 2009) de uma de nós a partir dos registros derivados das experiências com o Yoga.



Acervo Pessoal

Ou na composição da outra, intitulada “Corpo Cartográfico”, que materializa em tecido, linha e elementos naturais, o corpo da pesquisa em diálogo com os registros recebidos.



Acervo Pessoal

Diante disso, percebemos que tais criações noticiam um processo formativo no qual fomos descobrindo, acessando e assumindo nossas dimensões artísticas. Anunciam, a partir da nossa prática e diálogos com os referenciais, ser possível que professoras que vivam uma formação voltada à criação, possam se experimentar professoras-artistas e que, tanto a pesquisa acadêmica quanto a própria formação podem ser disparadoras à esta descoberta. Contam sobre como investimos no contato com os registros produzidos pelas/os educadoras/es e como nos aproximamos sensivelmente de nossas trilhas autobiográficas para criarmos, então, registros autorais e artísticos. Nos conduzem a destacar que, ampliar espaço para essas outras linguagens da arte opera como um exercício disruptivo em ambiências educacionais que vêm alijando os processos criativos e as sensibilidades com normas e padrões para a feitura de trabalhos e estruturação das formações. E, por fim, reforçam em nós que caminhar de mãos dadas com a criação tem a ver também com fazer frente à falsa dicotomia que, desde a modernidade, vem separando corpo-mente, razão-emoção, conhecimento intelectual-criativo nos cotidianos e na educação.

**Palavras-chave:** Arte; Educação; Processo artístico; Educação Estética; Formação Docente

### Referências

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivivência:** a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.